

Vozes das Ciências Sociais Latino-americanas e Caribenhas para a COP30
Manifiesto de las Ciencias Sociales Latino-Americanas e Caribenhas

COP30 Belém 2025

Nós, pesquisadoras e pesquisadores das Ciências Sociais da América Latina e do Caribe, unimo-nos para afirmar a centralidade do pensamento social crítico e situado de nossa região na compreensão e no enfrentamento da crise climática que marca o presente e o futuro da humanidade.

As mudanças climáticas não são apenas um fenômeno natural, mas o resultado histórico de processos de coprodução entre sociedade e natureza, moldados por relações desiguais de poder, modelos econômicos predatórios e formas de dominação que se expressam de maneira particular em nossos territórios. Os desastres climáticos não afetam a todas e todos da mesma forma. Suas consequências são vividas de modo profundamente desigual, refletindo e aprofundando as divisões históricas de raça, gênero e classe.

Em nossas sociedades, marcadas pela herança colonial e pela persistência de estruturas racistas e patriarcais, as populações negras, indígenas, periféricas e empobrecidas estão entre as mais vulnerabilizadas pelos efeitos das mudanças climáticas. Por isso, afirmamos que o combate ao racismo ambiental deve estar no centro das agendas climáticas globais, nacionais e locais.

Não é possível pensar em justiça climática sem enfrentar as formas estruturais de desigualdade que determinam quem sofre, quem decide e quem se beneficia diante da crise ambiental. Reconhecemos e reafirmamos o papel fundamental dos povos indígenas, comunidades quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais, que há séculos constroem modos de vida sustentáveis e sistemas de conhecimento profundamente enraizados em uma relação respeitosa com a natureza. Esses povos não devem ser apenas ouvidos, mas protagonistas na construção das respostas à crise climática. Suas práticas, saberes e cosmologias oferecem caminhos

Nosotras y nosotros, investigadoras e investigadores de las Ciencias Sociales de América Latina y el Caribe, nos unimos para afirmar la centralidad del pensamiento social crítico y situado de nuestra región en la comprensión y el enfrentamiento de la crisis climática que marca el presente y el futuro de la humanidad.

El cambio climático no es solo un fenómeno natural, sino el resultado histórico de procesos de coproducción entre sociedad y naturaleza, moldeados por relaciones desiguales de poder, modelos económicos predatorios y formas de dominación que se expresan de manera particular en nuestros territorios. Los desastres climáticos no afectan a todas y todos por igual. Sus consecuencias se viven de modo profundamente desigual, reflejando y profundizando las divisiones históricas de raza, género y clase.

En nuestras sociedades, marcadas por la herencia colonial y la persistencia de estructuras racistas y patriarcales, las poblaciones negras, indígenas, periféricas y empobrecidas se encuentran entre las más vulnerabilizadas por los efectos del cambio climático. Por ello, afirmamos que la lucha contra el racismo ambiental debe estar en el centro de las agendas climáticas globales, nacionales y locales.

No es posible pensar en justicia climática sin enfrentar las formas estructurales de desigualdad que determinan quién sufre, quién decide y quién obtiene beneficios frente a la crisis ambiental. Reconocemos y reafirmamos el papel fundamental de los pueblos indígenas, comunidades quilombolas y demás pueblos y comunidades tradicionales, que desde hace siglos construyen modos de vida sostenibles y sistemas de conocimiento profundamente enraizados en una relación respetuosa con la naturaleza. Estos pueblos no deben ser solo escuchados, sino protagonistas en la

concretos para repensar a relação entre sociedade e ambiente, baseando-a em princípios de reciprocidade, cuidado e interdependência.

Realizar a COP30 na América Latina e no Caribe não é apenas uma decisão logística ou geográfica: é um ato político e civilizatório. Nossa região encarna contradições cruciais do Antropoceno: é uma das áreas de maior diversidade biológica, cultural e linguística do planeta, mas também uma das mais desiguais e exploradas pelo modelo extrativista global. A América Latina abriga ecossistemas-chave para o clima global —a Amazônia, o Gran Chaco, os Andes, a Patagônia e os oceanos—, mas sua destruição avança em ritmo alarmante. A Amazônia, pulmão do planeta, está à beira do ponto de não retorno, degradada por incêndios, mineração, pecuária e expansão agrícola. O controle da Amazônia por grandes empresas agropecuárias e mineradoras representa uma ameaça não apenas para os povos que nela habitam, mas para a estabilidade climática global.

A América Latina continua sendo tratada como um território de sacrifício, fornecedor de matérias-primas baratas para sustentar as transições energéticas do Norte Global. O controle estrangeiro de jazidas de cobre, lítio, ouro, prata, gás, petróleo e terras raras evidencia uma nova fase do colonialismo verde. Enquanto se promovem tecnologias limpas e verdes, os custos ambientais e sociais recaem sobre as comunidades locais.

O modelo extrativista também mercantiliza os territórios e as culturas: o turismo de luxo e a apropriação cultural transformam comunidades em produtos globais, expulsando populações locais e banalizando saberes ancestrais. Diante desse panorama, a América Latina não representa apenas um território em disputa, mas também um laboratório de alternativas civilizatórias. Aqui persistem

construcción de las respuestas a la crisis climática. Sus prácticas, saberes y cosmologías ofrecen caminos concretos para repensar la relación entre sociedad y ambiente, basándola en principios de reciprocidad, cuidado e interdependencia.

Realizar la COP30 en América Latina y el Caribe no es solo una decisión logística o geográfica: es un acto político y civilizatorio. Nuestra región encarna contradicciones cruciales del Antropoceno: es una de las zonas de mayor diversidad biológica, cultural y lingüística del planeta, pero también una de las más desiguales y expoliadas por el modelo extractivista global. América Latina alberga ecosistemas clave para el clima global —la Amazonia, el Gran Chaco, los Andes, la Patagonia y los océanos—, pero su destrucción avanza a un ritmo alarmante. La Amazonia, pulmón del planeta, está al borde del punto de no retorno, degradada por incendios, minería, ganadería y expansión agrícola. El control de la Amazonia por grandes empresas agropecuarias y mineras representa una amenaza para los pueblos que la habitan y para la estabilidad climática global.

América Latina sigue siendo tratada como territorio de sacrificio, proveedor de materias primas baratas para sostener las transiciones energéticas del Norte Global. El control extranjero de yacimientos de cobre, litio, oro, plata, gas, petróleo y tierras raras evidencia una nueva fase del colonialismo verde. Mientras se promueven tecnologías limpias y verdes, los costos ambientales y sociales recaen sobre las comunidades locales.

El modelo extractivista también mercantiliza los territorios y las culturas: el turismo de lujo y la apropiación cultural transforman comunidades en productos globales, expulsando a poblaciones locales y banalizando saberes ancestrales. Frente a este panorama, América Latina no solo representa

formas de vida que encarnam outras ontologias do humano e do não humano, onde a reciprocidade, o cuidado e a interdependência são princípios organizadores. Os povos originários, afrodescendentes, camponeses e urbanos populares guardam conhecimentos vitais para pensar um futuro além do extrativismo. O futuro planetário depende de reconhecer a América Latina não como fonte de recursos, mas como fonte de pensamento, de saberes e de mundos possíveis.

As ciências sociais latino-americanas e caribenhas possuem uma trajetória única de pensamento crítico, situado e comprometido, forjada no diálogo entre povos, territórios e saberes diversos. De nossas universidades, comunidades e movimentos sociais, aprendemos que a crise climática não é apenas ambiental: é também social, política e civilizatória.

Compreendemos que as mudanças climáticas não se explicam apenas pelas emissões de carbono, mas também por estruturas históricas de desigualdade, espoliação e colonialismo que seguem definindo quem tem direito a consumir, a decidir e a habitar um planeta saudável. Por isso, nossas ciências sociais não se limitam a descrever a crise: propõem caminhos para transformá-la.

Reivindicamos a necessidade de uma ciência social do cuidado, da reciprocidade e da interexistência, que dialogue com os conhecimentos ancestrais e comunitários, que ouça a terra, a água, os ventos, as florestas e todos os seres que sustentam a vida. Esse olhar plural e relacional não é apenas uma opção epistemológica: é uma aposta ontológica, ética e política por um futuro habitável para todas as formas de existência. Desde a América Latina e o Caribe, convocamos a COP30 a ouvir nossas vozes, aprender com nossas lutas e caminhar junto a

un territorio en disputa, sino un laboratorio de alternativas civilizatorias. Aquí persisten formas de vida que encarnan otras ontologías de lo humano y lo no humano, donde la reciprocidad, el cuidado y la interdependencia son principios organizadores. Los pueblos originarios, afrodescendientes, campesinos y urbanos populares guardan conocimientos vitales para pensar un futuro más allá del extractivismo. El futuro planetario depende de reconocer a América Latina no como fuente de recursos, sino como fuente de pensamiento, de saberes y de mundos posibles.

Las ciencias sociales latinoamericanas y caribeñas poseen una trayectoria única de pensamiento crítico, situado y comprometido, forjada en el diálogo entre pueblos, territorios y saberes diversos. Desde nuestras universidades, comunidades y movimientos sociales, hemos aprendido que la crisis climática no es solo ambiental: es también social, política y civilizatoria.

Comprendemos que el cambio climático no se explica únicamente por las emisiones de carbono, sino por estructuras históricas de desigualdad, desposesión y colonialismo que siguen definiendo quién tiene derecho a consumir, a decidir y a habitar un planeta sano. Por eso, nuestras ciencias sociales no se limitan a describir la crisis, sino que proponen caminos para transformarla.

Reivindicamos la necesidad de una ciencia social del cuidado, de la reciprocidad y de la interexistencia, que dialogue con los conocimientos ancestrales y comunitarios, que escuche a la tierra, al agua, a los vientos, a los bosques, y a todos los seres que sostienen la vida. Esta mirada plural y relacional no es solo una opción epistemológica: es una apuesta ontológica, ética y política por un futuro vivible para todas las formas de existencia. Desde América Latina y el Caribe, convocamos a la COP30 a escuchar nuestras voces, aprender de

nossos povos. Porque a justiça climática não se decreta: tece-se a partir dos territórios, com respeito, solidariedade e amor pela Terra.

nuestras luchas y caminar junto a nuestros pueblos. Porque la justicia climática no se decreta: se teje desde los territorios, con respeto, solidaridad y amor por la Tierra.

Belém - Pará, Brasil, novembro de 2025